

*Cultural*

N.º 6 — NOV/97



## 5

EDITORIAL  
Odete Graça

## 6

UMA QUESTÃO DE CULTURA  
Odete Graça

## 10

CRONOLOGIA ABSOLUTA DO  
DEPÓSITO ARQUEOLÓGICO DA  
LAPA DA FURADA - AZOIA,  
SESIMBRA: SEU SIGNIFICADO E  
INCIDÊNCIAS RITUAIS E CULTURAIS  
João Luis Cardoso

## 16

ELEMENTOS PARA O  
CONHECIMENTO DA SESIMBRA  
ISLÂMICA  
Fernanda Rodrigues, António Rafael Carvalho



## 19

ACERVO ARTÍSTICO DO SANTUÁRIO  
DO CABO ESPICHEL  
Magno Moraes de Mello

## 22

A PROPÓSITO DE SESIMBRA  
Nazaré Garcia de Escobar

## 24

MANIFESTAÇÕES OPERÁRIAS NA  
PENINSULA DE SETÚBAL, COM  
ESPECIAL RELEVO PARA OS  
AGLOMERADOS URBANOS DE  
SETÚBAL E DE SESIMBRA  
(1880 - 1930)  
Maria da Conceição Quintas

## 33

EDUARDO DA CUNHA SERRÃO -  
ARQUEÓLOGO E GRANDE AMIGO DE  
SESIMBRA  
Luiz Saldanha

## 41

CONCURSO POÉTICO -  
"MARÉ VIDA / MAR AMARGO"  
M. D. Saraiva

## 44

VIDA CULTURAL EM SESIMBRA.  
UM CONCELHO DE EMOÇÕES  
Luís Ferreira

### FICHA TÉCNICA

**Título:**  
Sesimbra Cultural

**Ano 7, nº. 6, Novembro 1997**

**Edição e Propriedade:**  
Câmara Municipal de Sesimbra

**Redacção e Administração:**  
Divisão Sócio-Cultural da  
Câmara Municipal de Sesimbra  
Telef. 228 85 00  
Telefax. 223 38 55

**Direcção:**  
Esequiel Lino e Odete Graça

**Coordenação:**  
Luísa Carvalho e Luís Ferreira

**Conselho de Redacção:**  
Odete Graça, Luísa Carvalho,  
Luís Ferreira e João Pinhal

**Capa:**  
João Pereira

**Grafismo:**  
João Pereira e  
Sandra Veríssimo

**Fotografia:**  
Rui João Rodrigues

**Colaboram neste número:**

António Rafael Carvalho; Fernanda  
Rodrigues; Francisco José Miran-  
da de Almeida; Luís Cardoso; José  
Manuel Teixeira; João Luís Fer-  
reira; Luiz Saldanha; M. D. Saraiva;  
Magno Moraes de Mello; Maria da  
Conceição Quintas; Maria de  
Lourdes Agapito; Nazaré Garcia de  
Escobar; Odete Graça; Rui Manuel  
Portela Amaral; Ulisses Duarte

**Impressão e  
Fotocomposição:**  
Corlito

**Depósito Legal: 25393/89  
I.S.S.N. : 0871-9160**

**Tiragem :** 2 000 exemplares

**Periodicidade :** Anual

**P.V.P. :** 600\$00

**Nota** - Os artigos que integram a revista são da responsabilidade dos respectivos autores

# A CRONOLOGIA ABSOLUTA DO DEPÓSITO ARQUEOLÓGICO DA LAPA DA FURADA - AZOIA, SESIMBRA: SEU SIGNIFICADO E INCIDÊNCIAS RITUAIS E CULTURAIS.

JOÃO LUÍS CARDOSO \*

Realizou-se em Setembro de 1992 e de 1994 a escavação do enchimento arqueológico identificado na sala de entrada da Lapa da Furada, gruta natural da encosta meridional da Arrábida junto à povoação de Azoia de Baixo (Fig. 1 e Fig. 2). De tais trabalhos, dirigidos pelo signatário, foi dada imediata notícia (CARDOSO, 1993), constando os principais resultados de publicação monográfica, editada pela Câmara Municipal de Sesimbra (CARDOSO & CUNHA, 1995). As suas coordenadas GAUSS são as seguintes: M=109,4; P=163,3 (Carta Militar de Portugal à escala de 1/25000, folha 464 - Sesimbra. S.C.E., Lisboa).

Os trabalhos vieram demonstrar que a referida sala foi utilizada, no decurso da Idade do Bronze, para abrigar um volumoso conjunto de restos humanos depositados, de uma só vez, sobre o chão da cavidade (Fig. 3). Assim se constituiu camada contínua, ocupando todo aquele espaço, com espessura máxima de 0,20m. O cuidado então posto em tal operação - apesar do estado caótico em que os ossos jaziam, formando verdadeira amálgama (Fig. 4) - e comprovado pelo facto de alguns dos ossos longos se conservarem inteiros, o mesmo se verificando com um crânio humano. O respectivo estudo antropológico veio demonstrar a importância do depósito funerário, ao identificar, pelo menos, restos de 130 indivíduos, cujas características antropológicas foram já apresentadas: distribuição por sexos e esperança de vida, morbilidades e estatura (CARDOSO & CUNHA, 1995).

O estudo da distribuição estratigráfica e das características do espólio sugeriu que a gruta teria sido utilizada, no decurso do Neolítico final, como necrópole: disso é prova a descoberta de um machado e de uma enxó (Fig. 5, nº5 e 6), colocados ritualmente lado a lado, sobre o chão primitivo da gruta e sob a entrada actual,

correspondente a uma pequena chaminé vertical com cerca de 4m de altura, resultante do alargamento de uma importante diaclase, que percorre o maciço rochoso, constituído por calcários compactos, duros e esbranquiçados, do Jurássico.

Porém, os vestígios desta primeira ocupação da cavidade foram - à excepção dos referidos - quase totalmente obliterados pela deposição mortuária nela ulteriormente efectuada.

Parte dos materiais arqueológicos associados ao notável conjunto osteológico exumado podem reportar-se, sem dificuldade, também ao Neolítico final: é o caso de pequenas lâminas ou lamelas, de um furador e de um micrólito (trapézio), provavelmente peças remobilizadas do mobiliário da anterior necrópole instalada na cavidade (Fig. 5, nº.1 a 4). A maioria dos materiais cerâmicos recolhidos em estreita

associação com o espólio humano, porém, são mais recentes, inscrevendo-se na Idade do Bronze (Fig. 6). Com efeito, tanto pela tipologia como pelas características de pasta, alguns recipientes são idênticos aos recolhidos no povoado do Bronze Pleno do Catujal, Loures, (CARDOSO & CARREIRA, 1993). Enfim, duas peças metálicas - fragmento de anzol de secção rectangular e pequena lâmina de contorno sub-triangular alongado - tanto pode ser calcolíticas como da idade do Bronze (CARDOSO & CUNHA, 1995 Fig. 8, nº.1 e 2), a par de peças ósseas de cronologia ainda mais indefinida (idem, Fig. 8, nº.3 a 7).

Tendo em consideração a época dos materiais mais recentes estratigraficamente associados ao depósito funerário, a constituição deste teria, forçosamente, de se inscrever na Idade do Bronze.

Porém, os ossos que o constituem poderiam



Fig. 1 - Lapa da Furada. A entrada da gruta, em primeiro plano, encontra-se assinalada pelo indivíduo. Observe-se a integração paisagística do local, na encosta meridional da Arrábida.

ser mais antigos, tanto mais que se tratava de uma acumulação secundária - um ossuário - resultante do transporte ulterior de outro local dos materiais que o integram. Impunha-se, deste modo, a realização de um programa de datações absolutas, pelo método do radiocarbono. Uma primeira datação foi já publicada (CARDOSO & CUNHA, 1995):

ICEN - 1240 - 4050 +/- 50 BP

Efectuando a calibração desta data, utilizando a curva de Stuiver e Pearson (Radiocarbon, 1993, vol.35 (1), p. 1 - 23) obteve-se intersecções em 2572, 2513 e 2508 cal AC (AC = "antes de Cristo").

Considerando um intervalo de 1 sigma, a data situa-se entre 2615 e 2485 cal AC (anos de calendário).

Para 2 sigma, correspondente a 95% de probabilidade, determinaram-se os seguintes intervalos:

2860 - 2814 cal AC; 2731 - 2730 cal AC; e 2694 - 2461 cal AC

Dos três intervalos referidos, a maior percentagem de probabilidade situa-se no último. Desta forma, poder-se-ia concluir, que *grosso modo*, entre 2700 e 2450 anos antes de Cristo, teria habitado na região uma comunidade cujos despojos fúnebres foram, depois de vicissitudes que ignoramos, e por causas também desconhecidas, transportados de outro local e, depois, acumulados na cavidade. Porém, restava ainda por saber até que ponto o conjunto de restos humanos submetidos a análise eram cronologicamente homogêneos, isto é, se pertencentes a indivíduos mais ou menos contemporâneos: com efeito, tratando-se a data obtida de um resultado médio, havia a possibilidade de integrar ossos cuja cronologia, vista individualmente, poderia ser muito diferente. Para ultrapassar este impasse, provocado pelas próprias condições de jazida dos materiais em causa, julgou-se útil promover uma segunda datação de radiocarbono pelo processo convencional (na impossibilidade de, em Portugal, se datarem pequenos ossos individualmente, por espectrometria de massa com acelerador - AMS), a qual foi executada, como a anterior, no ITN (Sacavém), pelo Eng. A. Monge Soares.

Os resultados obtidos foram os seguintes:

ICEN - 1276 - 4610 +/- 60 BP

Ao calibrar esta data, fazendo uso da curva anteriormente referida, obteve-se intersecção em 3360 cal BC e os seguintes intervalos:

Para 1 sigma: 3496 - 3460; 3377 - 3339 cal AC;  
Para 2 sigma: 3611 - 3608; 3514 - 3264; 3243 - 3103 cal AC.

Os resultados mostram, com 95% de probabilidade, que a idade da amostra de ossos submetida para análise se inscreve na segunda metade do IV milénio antes de Cristo. Trata-se, tal como a amostra anterior, de um valor médio, integrador dos valores correspondentes a cada osso do conjunto analisado.

Este resultado é estatisticamente diferente do anteriormente obtido: cerca de quinhentos anos separam os extremos mais próximos dos intervalos correspondentes a 95% de probabilidades das duas datas, inscrevendo-as, assim, em contextos culturais diferentes. Com efeito, enquanto que a data mais antiga é compatível com o Neolítico final da Estremadura, a mais



Fig. 2 - Entrada da Lapa da Furada, correspondente ao alargamento de diaclase existente nos calcários compactos esbranquiçados do Jurássico médio (Batoniano).

recente enquadra-se bem no Calcolítico final, sendo portanto coeva da presença campaniforme na região.

Podemos, porém, questionar o significado real destes resultados. Foi dito anteriormente que ambos correspondem a um valor médio dos ossos sobre os quais se obtiveram: desta forma, a disparidade verificada poderá ser explicada caso um dos lotes contivesse ossos muito mais recentes que o existente no outro, hipótese que parece de afastar, dado o estado caótico e homogéneo da disposição dos ossos no ossuário. Porém, atendendo à pequena quantidade de material necessária para análise, dada a riqueza em colagéneo neles verificada, as análises requereram um peso compatível, no limite com, apenas um único exemplar, de maiores dimensões, ao qual se ficaria a dever, em boa parte, os resultados obtidos. Desta forma, as datas obtidas, podem apresentar-se fortemente influenciadas pelas idades reais dos ossos de maiores dimensões seleccionados em cada conjunto inicial.

Tendo em consideração o que foi dito, é lícito admitir que o depósito funerário primário, tenha sido formado no decurso do Neolítico final, prolongando-se durante todo o Calcolítico embora de forma talvez intermitente. Esta é, aliás, situação comum a boa parte das necrópoles em grutas naturais da região estremenha. O exemplo mais próximo situa-se, apenas, a algumas dezenas de metros: trata-se da Lapa do Bugio, onde, às tumulações do Neolítico final, aparentemente individualizadas, se sucederam outras, já calcolíticas, atingindo o período campaniforme (CARDOSO, 1990, 1992). Desta forma, é provável que exista, nas proximidades, uma terceira gruta, ainda não localizada, que teria servido como necrópole primária, como a Lapa do Bugio.

Tal gruta, em momento situável no Bronze Pleno, foi de novo ocupada; disso é prova a tipologia dos materiais cerâmicos mais modernos, sem que, contudo, se possa caracterizar em pormenor as características de essa presença humana. Provavelmente, tratava-se de um santuário rupestre, à semelhança de outros que, no Bronze Final, na região, aproveitaram grutas naturais, como a do Correio-Mor, Loures ou a Lapa do Fumo, Sesimbra, apenas distanciada da Lapa da Furada 2 km para ENE, e no mesmo flanco da Arrábida (CARDOSO, 1995a, 1995b). A ser assim, compreende-se que, em determinado

momento da sua utilização, tenha havido necessidade, por falta de espaço, de proceder à remoção dos depósitos mortuários ali anteriormente constituídos, para assegurar a continuidade da utilização da cavidade. A recolha, a que então se procedeu, do espólio osteológico efectuou-se com o cuidado que tais restos inspiravam, depois de separados dos materiais arqueológicos com os quais jaziam. Assim se compreende a extrema raridade destes, no conjunto do depósito secundário, onde ocorrem, apenas peças fracturadas, desprovidas da carga

simbólica que primitivamente detinham. Com efeito, é nítida a ausência, entre os restos osteológicos, de peças inteiras, ou de artefactos mágico-sagrados, como é usual em tais contextos pré-históricos; todos os materiais cerâmicos que, em amálgama homogénea, jaziam de mistura com aqueles restos correspondiam apenas a fragmentos, incluindo os exemplares mais modernos da Idade do Bronze.

\*\*\*

Com os indícios de uma realidade há muito



**Fig. 3** - Lapa da Furada. Vista parcial da escavação, no final da segunda campanha (1994). Observe-se a colocação de grande ortóstato, intencionalmente, com o objectivo de obter uma comunicação com outra sala, não utilizada.

perdida e agora recuperados e interpretados, parece aceitável atribuir a Lapa da Furada a uma necrópole do Neolítico final, cujos testemunhos foram obliterados pela sua ulterior utilização como depósito secundário funerário, destinado a abrigar os despojos humanos acumulados primeiramente em gruta das proximidades, durante um longo lapso de tempo, talvez do Neolítico final ao fim do Calcolítico, entre meados do IV milénio AC e a primeira metade do milénio seguinte. A remobilização de tais restos e a sua imediata deposição na Lapa da Furada, em momento pleno da Idade do Bronze, terá sido consequência da necessidade de a respectiva comunidade poder dispor de mais espaço, na gruta onde primitivamente jaziam, então aproveitada, talvez, para outros fins, provavelmente como santuário, à semelhança de outros exemplos da região.

Na originalidade desta ocorrência - trata-se da primeira vez que se documenta, na Idade do Bronze, a ritualização de despojos fúnebres de populações anteriores, há muito desaparecidas - residirá um dos maiores interesses da Lapa da Furada, a par do importante conjunto de informações antropológicas, obtidas do estudo do copioso espólio esteológico exumado.

A terminar, agradece-se ao Departamento de Arqueologia do IPPAR que custeou, ao abrigo de um protocolo existente com o ITN-INETI, as duas datas de radiocarbono obtidas.

\*Professor da Universidade Nova de Lisboa - Colaborador permanente do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.



**Fig. 4** - Lapa da Furada. Vista parcial da escavação, no final da primeira campanha (1992). Observe-se o corte vertical executado do lado oeste da área escavada evidenciando numerosos ossos amalgamados dispostos em camada horizontal.

## Bibliografia

CARDOSO, J.L. (1990) - A Lapa do Bugio. *Sesimbra Cultural*, O, p. 15 - 34. Câmara Municipal de Sesimbra

CARDOSO, J.L. (1992) - A Lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*, 9/10, p.89 - 225

CARDOSO, J.L. (1993) - Primeira campanha de escavações realizada na Lapa da Furada (Sesimbra). *Sesimbra Cultural*, 3, p.15 -17. Câmara Municipal de Sesimbra.

CARDOSO, J.L. (1995a) - As cerâmicas de ornatos brunidos da Lapa do Fumo. In *a Idade do Bronze em Portugal* (coord. S. Oliveira Jorge), p.88. Lisboa, Instituto Português de Museus.

CARDOSO, J.L. (1995b) - O Bronze Final da Baixa Estremadura e as cerâmicas de ornatos brunidos da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Sesimbra Cultural*, 5, p.6 - 14. Câmara Municipal de Sesimbra.

CARDOSO, J.L. & CARREIRA, J.R. (1993) - Le Bronze Final et le début de l'Âge du Fer dans la région riveraine de l'estuaire du Tage. *Méditerranée*, 2, p.193 - 206. Instituto Oriental, FCSH/UNL.

CARDOSO, J.L. & CUNHA, A.S. (1995) - *A Lapa da Furada (Sesimbra). Resultados das escavações arqueológicas realizadas em Setembro de 1992 e 1994.* Câmara Municipal de Sesimbra, P 59.

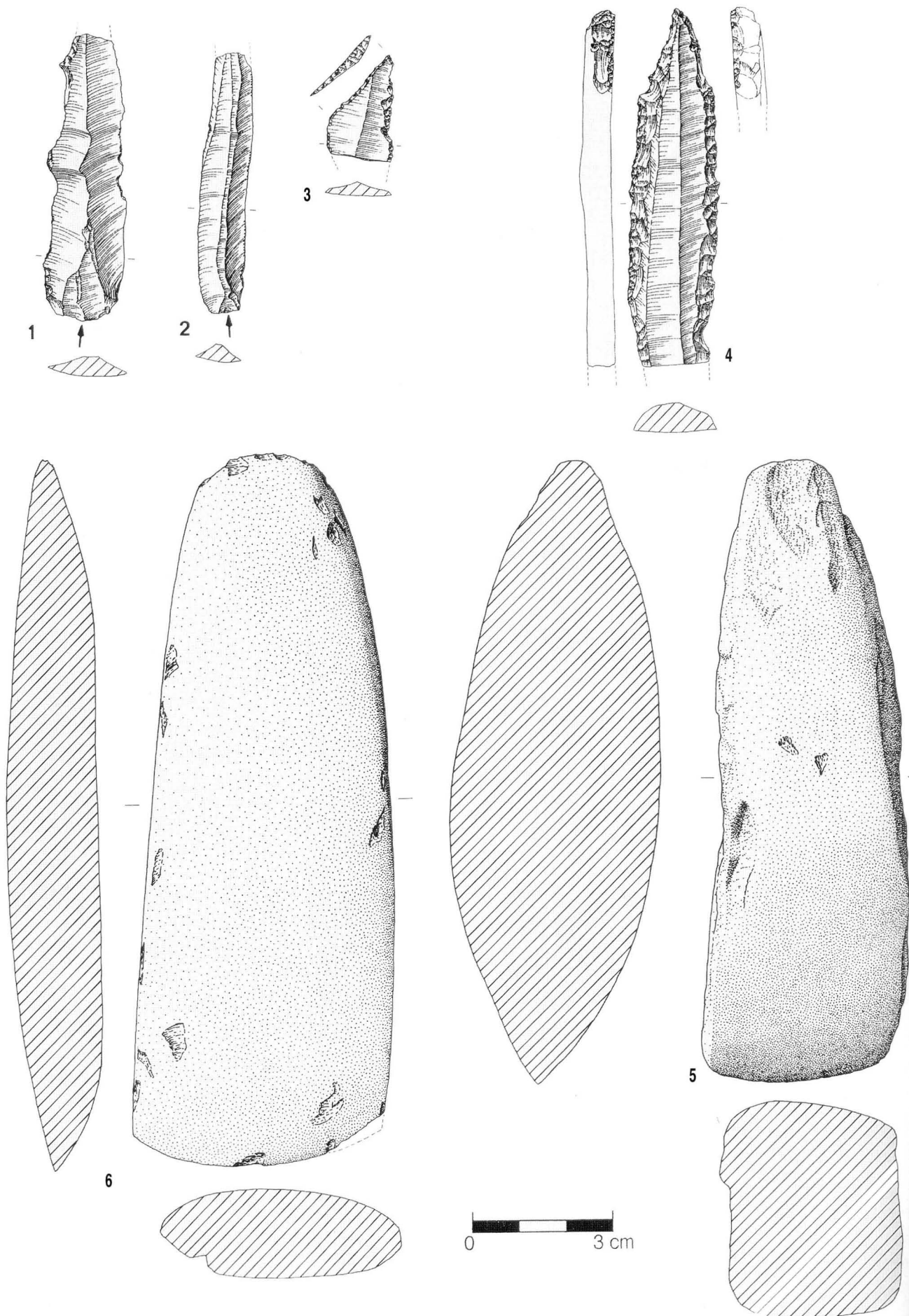


Fig. 5 - Lapa da Furada. Espólio neolítico. O machado (nº.5) e a enxó (nº.6) jaziam ritualmente lado a lado, sobre o chão primitivo da gruta.

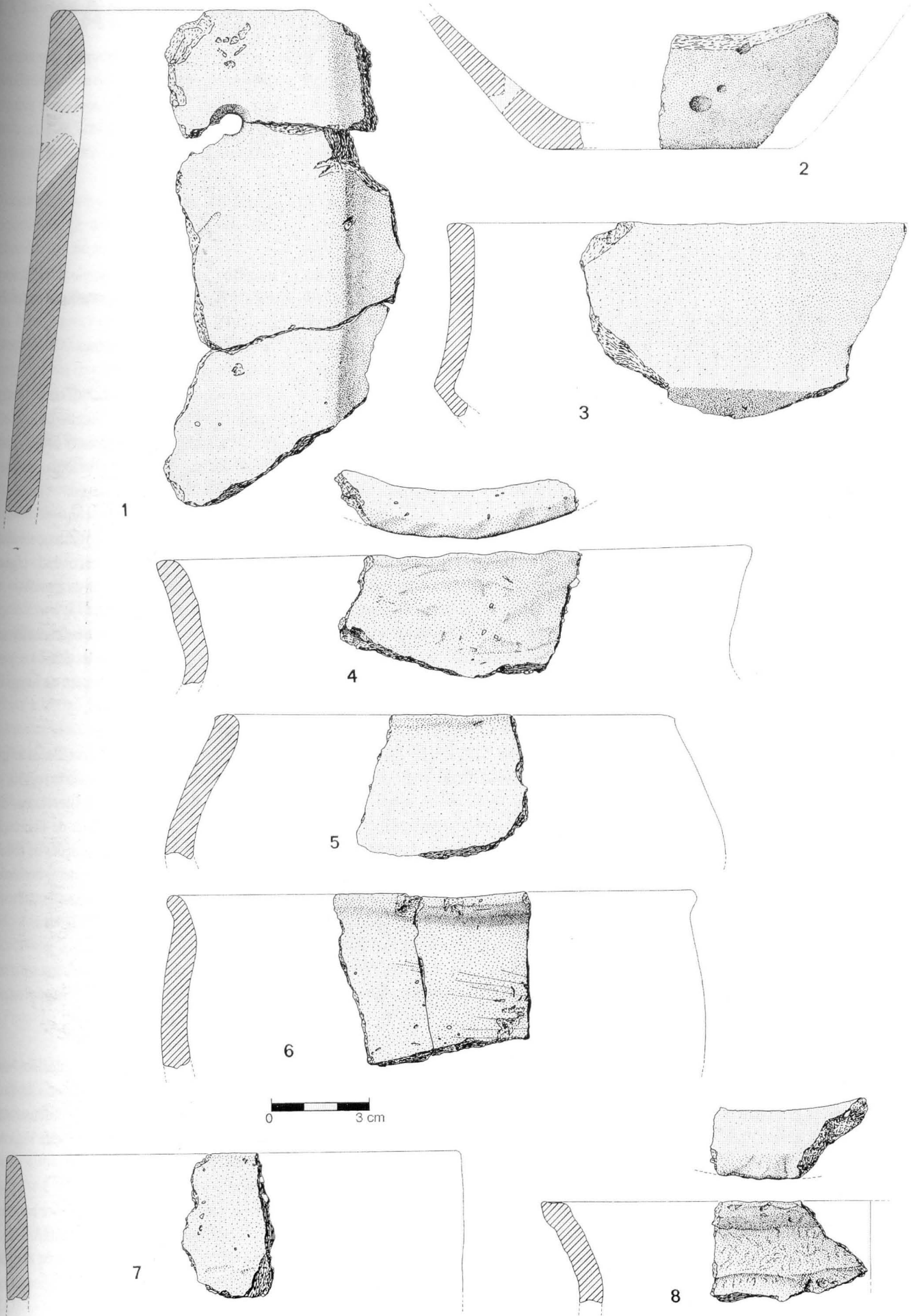


Fig. 6 - Lapa da Furada. Cerâmicas lisas e decoradas da Idade do Bronze.